

ULISBOA

Revista da Universidade de Lisboa | 14 | Março 2020



ARQUEOLOGIA
INSETOS
AFRODESCENDENTES



Reconstituição virtual da cidade romana de Ammaia



© Projeto Rádio-Past / Ravens Medien GmbH

AMMAIA

O MUNDO ROMANO AOS NOSSOS PÉS

O Centro de Arqueologia da ULisboa (uniarq), sediado na Faculdade de Letras, tem a seu cargo vários projetos de Norte a Sul do país. Um deles é em parceria com a Fundação Cidade de Ammaia, para a continuação da descoberta, mas também da preservação e divulgação deste local. Amílcar Guerra, professor, investigador e arqueólogo, guiou-nos por entre as ruínas desta cidade romana com mais de dois mil anos.

Quemos fundar uma cidade. Primeiro, observamos o voo das aves. Elas são um dos sinais mais fiáveis, especialmente se conseguirmos estudar as suas entranhas para nelas descodificarmos significados. Caso os augúrios se mostrem favoráveis, sacrificamos um animal como agradecimento. Para delimitar as fronteiras, seguimos a tradição religiosa e prendemos um sulco de madeira a duas vacas brancas. O caminho que fizerem forma um rego, o *pomerium*, que a partir desse momento ninguém pode transpor exceto nos espaços em que o arado é levantado para construirmos as portas. O rego traçado é onde as muralhas da cidade serão erguidas. O gromático tem de estar a postos com a sua groma, um instrumento em forma de uma cruz de quatro braços iguais, cada qual com um fio de prumo na extremidade. É ele que vai definir o traçado de linhas e ângulos que formarão as ruas desta cidade, a partir de dois cálculos principais: a definição da linha Norte-Sul – *Cardus Maximus* – e da linha Este-Oeste – *Decumanus Maximus*. Falta apenas um nome. Não que-

remos fundar uma cidade sem lhe dar um nome. *Ammaia*. Quer dizer «mamã». É um começo auspicioso.

Descrevemos o rito fundacional de qualquer cidade romana, e acredita-se que assim tenha acontecido em Ammaia no início do século I d. C., há mais de dois mil anos. O bom augúrio verificou-se: apesar de hoje em ruínas, é uma cidade especial porque não foi soterrada por nenhuma outra construção, algo raro. Fica na atual freguesia de São Salvador de Aramenha, no concelho de Marvão. Os portões que nos levarão ao museu e às ruínas são guardados pela vista da vila de Marvão no topo da serra, com o castelo e as muralhas que a ladeiam.

Começamos a visita pelo museu, composto por várias salas onde estão dispostas as peças encontradas nos terrenos da cidade de Ammaia. Entramos, e a primeira sala à esquerda é dedicada à epigrafia. Ao redor da sala e no seu centro há uma série de pedras com inscrições em latim. Estas inscrições são mais ou menos visíveis, dependendo do tipo de pedra e do nível de erosão. Amílcar Guerra começa por nos de-



Denário de prata com efígie de Augusto, cunhado em Lyon

A arqueologia não é apenas escavação. Atualmente, evita-se que o seja, por ser um método caro, moroso e porque cada monumento trazido à luz do dia requer outras intervenções especializadas, de conservação e restauro.

safiar a decifrar uma inscrição que os próprios arqueólogos tiveram dificuldade em ler; de início, pensava-se que a pedra não estava sequer inscrita. O que permitiu ler parte da inscrição foi a imagem fornecida via modelo de resíduo morfológico (MRM). «Opti» é um dos fragmentos identificados. Aparecendo logo à cabeça, é provável que seja parte de «Optimus Maximus», que significa «o melhor de todos e o maior de todos». É uma inscrição comum nas lápides para caracterizar o deus Júpiter, «Iovi». Em baixo, a característica fórmula votiva final, «Animo Libens Votum Solvit», ou seja, «de bom grado pagou a sua promessa».

Uma outra lápide apresenta a inscrição «Caius Iulius Vegetus», um indivíduo que exerceu o cargo de flâmine da província da Lusitânia. É um elevado cargo de natureza religiosa e política: o flâmine é o mais importante sacerdote do culto imperial, eleito pelos sacerdotes de todas as cidades da província da Lusitânia. A pedra que aqui vemos foi-lhe dedicada pela sua mulher, Probnia Severa.

Uma das peças mais interessantes é uma lápide com uma dedicatória ao imperador Lúcio Vero, do século II d. C., com a indicação do município ammaicense, fazendo saber que estamos perante uma cidade chamada Ammaia e que esta tem categoria municipal. Originariamente, esta dedicatória estaria no fórum; contudo, ao longo dos séculos, a cidade foi espoliada de todos os seus materiais – a primeira pedra que vimos, com a inscrição praticamente ilegível, foi encontrada num moinho. As construções em volta da cidade de Ammaia foram realizadas com pedra desta antiga cidade romana, o que continuou a acontecer até há cerca de trinta anos. Também encontrada no fórum, por trás do templo – local onde se realizavam as atividades do culto imperial – vemos uma ara, com uma dedicatória a Mercúrio Augusto.

Há outra peça extraordinária por ser dedicada a uma personagem importante,

«Gaio Sêncio Capitão da Tribo Quirina», cidadão romano originário da cidade de Ammaia, dando-nos assim a conhecer mais um pouco do que lá se passava. A votação romana organizava-se por tribos, havendo 35 no Império Romano. Cada cidadão estava inscrito numa delas e, na altura de votar, ia à sua tribo. No caso dos cidadãos de Ammaia, seria a tribo Quirina.

Uma particularidade deste espólio epigráfico é o conjunto de divindades pré-romanas que raramente surgem no contexto da epigrafia. O museu possui a única atestação da divindade Ocrimira, uma divindade local. Amílcar Guerra explica que tal se deve à conservação das tradições pré-romanas culturais e religiosas mesmo durante o Império.

Apenas as peças relacionadas com as figuras mais importantes ou atos de culto de grande significado político-religioso são em mármore; as peças mais habituais, privadas, são em granito, um material menos nobre, mais económico e de erosão mais fácil. Uma das inscrições é dedicada a um magistrado local que se tornou um caso raro em todo o mundo romano: a lápide diz explicitamente que ele recebeu a cidadania romana a título individual. A cidadania romana era habitualmente atribuída às cidades, e os magistrados eram convertidos em cidadãos romanos.

Além das inscrições votivas dedicadas a divindades, ou inscrições honoríficas erigidas em honra de alguém, há também as inscrições funerárias. Um exemplo importante é a inscrição funerária relativa a um migrante vindo da zona de Burgos, região que produziu mais migrantes em toda a Hispânia, sobretudo para zonas mineiras, como o território de Ammaia o é. A exploração de recursos minerais era uma atividade económica importante, extraindo-se principalmente ferro e chumbo, mas também ouro e cristal de rocha. Outra lápide funerária de relevo é a dedicada a um escravo que faleceu com dois anos, que lhe foi colocada no túmulo pela mãe.



Porta Sul da cidade romana de Ammaia



Aspetto da porta nascente do anfiteatro de Ammaia, com Marvão ao fundo

Passamos para uma sala dedicada às peças de cerâmica. Vemos desde peças comuns, de utilização na cozinha, a louça de mesa requintada, proveniente de vários pontos do mundo romano, da Gália à Hispânia. As peças de cerâmica fina, denominadas *Terra Sigillata*, permitem uma datação mais precisa, algumas delas indicando mesmo o fabricante por via do selo – *Sigillum* – que o oleiro colocava em cada uma. São peças feitas em molde e revestidas de um verniz que lhes confere um brilho vermelho alaranjado. Na mesma sala, duas outras vitrinas captam a atenção, uma repleta de lucernas de vários tamanhos, feitos e datadas, e outra dedicada em exclusivo ao sistema monetário. Todas as moedas estão eximamente restauradas, permitindo ver, numa das faces, a figura do imperador com que foram cunhadas, e na outra uma mensagem político-ideológica, como

por exemplo: «À Glória dos Exércitos». A maioria dos objetos expostos no museu, e das ruínas que veremos, data do intervalo entre o século I e o século II d. C.

Na sala seguinte, uma mó de grande dimensão ocupa todo o centro do espaço. É completada por uma armação de madeira contemporânea que reconstrói a que era usada por cavalos ou burros para o seu funcionamento. Expostos estão também os objetos utilizados na tecelagem, como as agulhas de osso ou os pesos do tear. Amílcar Guerra explica que a tecelagem de linho e de lã era uma atividade individual, doméstica. Junto a uma parede está uma ânfora de cerca de 1,50 m de altura, considerada relativamente pequena, visto que o seu uso principal era o de transporte de vinho, azeite e molhos de peixe. O molho de peixe – chamado *garum* ou *liquamen* – era feito com vísceras de peixe macera-

das em sal. Era um ingrediente essencial na comida, e a todos os pratos o romano tradicional adicionava o *garum* enquanto condimento salgado. Dada a sua importância, chegava a atingir um preço elevado. Uma outra ânfora ainda maior, de cerca de 1,70 m, seria usada como contentor não de transporte, mas de acondicionamento dos já referidos líquidos, mas também de sólidos, como cereais. Algumas ânforas chegavam a ter o dobro do tamanho destas, eram objetos que exigiam cozedura vigiada por especialistas numa estrutura criada para o efeito devido à sua dimensão.

O mundo romano era pautado pela monumentalidade das suas construções, mas o mármore era um material caro e as imitações proliferavam. No museu está um friso cujo corte transversal permite ver que é feito de argamassa e coberto com uma camada de gesso, dando-lhe um aspeto marmóreo.

Ammaia é uma cidade especial porque não foi soterrada por nenhuma outra construção, algo raro.



O hábito epigráfico na cidade romana de Ammaia é muito forte, característica das comunidades recém-criadas

Ammaia foi, provavelmente, um importante centro produtor de vidro de elevada qualidade, e as peças de adorno confirmam-no: anéis, pulseiras, colares e contas, alfinetes de toucado, amuletos de várias espécies e até dados de jogar em osso. Um amuleto em particular era muito usado nesta época, por servir para afastar o mau-olhado: era o amuleto em forma de falo, ou em forma de falo e figa. Só com a forma do falo, esculpido em cerâmica, era muitas vezes colocado no cimo das portas de entrada das casas. Está muito presente na tradição decorativa romana, e muitos foram encontrados em Pompeia. De tamanho menor, semelhante a uma pequena medalha e esculpido numa

liga metálica e usado em colares, tínhamos a figa do lado esquerdo e o falo do lado direito. Em italiano, a palavra *fica* denomina o órgão sexual feminino.

Uma sala na penumbra acolhe os visitantes para o visionamento de um vídeo sobre Ammaia. Em apenas cinco minutos, assistimos ao que seria a cidade no seu auge. Os edifícios agora soterrados surgem como teriam sido e ladeiam as estradas movimentadas de um território de, estima-se, 25 hectares. Só é possível vermos isto devido ao trabalho realizado pelo projeto Radio-Past – Radiography of the Past. O nome indica o método utilizado, a radiografia, não invasiva, que permite perceber os ves-

tígios debaixo de terra. A arqueologia não é apenas escavação; atualmente, evita-se que o seja, por ser um método caro, moroso e, sobretudo, porque cada monumento trazido à luz do dia requer outras intervenções especializadas, de conservação e restauro, dispendiosas e muitas vezes pouco sustentáveis do ponto de vista ambiental. Em alternativa, é utilizada a fotografia aérea e várias técnicas de prospeção geofísica para detetar vestígios arqueológicos no subsolo.

Ainda no museu, há uma ala especial dedicada à coleção Maças, assim chamada por se tratar de um conjunto de peças que António Maças, proprietário agrícola e industrial local, ofereceu ao Museu Nacional

de Arqueologia, em concreto a José Leite de Vasconcelos. As peças encontram-se praticamente intactas, indício maior de se tratar de uma coleção proveniente de necrópoles: estes objetos eram colocados nas sepulturas e ficavam protegidos. No comércio europeu de antiguidades, em Itália e na Grécia, os *tombaioli*, pesquisadores de túmulos, dirigem-se especificamente a esses locais para recuperar objetos preciosos porque intactos. A sala tem peças de cerâmica, mas o que fascina são os materiais de vidro, de muito boa qualidade, exemplarmente preservados por estas condições especiais. Especula-se que possa ter sido produzido localmente, dada a presença de escória de vidro nas escavações e a abundância de quartzo na região. Pratos, copos, recetáculos transparentes, azuis e verdes, de uma perícia que em quase nada anuncia terem sido produzidos há dois mil anos. O vidro antigo fica baço ou tem tendência para ganhar tonalidades iridescentes, mas o destas peças está límpido.

Começamos a nossa visita às ruínas de Ammaia seguindo um trilho criado pelos constantes passos dos visitantes. Estamos literalmente a andar por cima da cidade, agora quase toda coberta por vegetação. Há cerca de dois mil anos estavam aqui as habitações dos romanos. Passamos por cima porque esta zona não foi escavada, apenas vamos conseguir ver o que resta de alguns espaços públicos: a porta sul, o complexo termal, o fórum, alguns muros e colunas de pórticos e ainda o anfiteatro recentemente descoberto.

Depois de percorrermos cerca de 200 metros, após sairmos do museu, entramos numa grande praça pavimentada com blocos de

granito e chegamos ao ponto onde foi implantada a groma. Há um vestígio bem visível, uma fenda em linha reta numa das pedras de granito e um buraco onde a mesma foi colocada. A fenda que vemos marca o sentido nascente-poente, a base de orientação para a construção da cidade. A partir daqui nasceu Ammaia, uma cidade de ruas perpendiculares com quatro entradas orientadas por cada um dos pontos cardeais.

A ruína da porta sul é uma das mais bem conservadas de toda a Península Ibérica. Tem duas torres, provavelmente construídas numa fase posterior à fundação da cidade, que nos permitem observar ainda o que terá sido a sua grandeza e arquitetura completa. Quase tudo o que vemos é original, à exceção do reposicionamento de algumas das suas pedras, que se encontravam dispersas pelo terreno, e de uma camada de cimento que tem ajudado a proteger as estruturas arqueológicas. Percebe-se também que a parte superior das torres apresenta outro tipo de construção: existe um listado na parte inferior que não se repete mais acima, o que deixa antever que foram alvo de reestruturações ao longo do tempo, já depois da ocupação romana.

Sáímos pela porta sul e seguimos, já fora da cidade, ao longo da muralha. Do lado de fora conseguimos ver toda a muralha que delimita a cidade, com uma espessura de cerca de dois metros, e ter outra perspetiva sobre a entrada sul. As torres que antes víamos do lado de dentro ganham agora outra vida, a perspetiva de quem chega e vai entrar em Ammaia. No chão estão ainda bem marcados os rodados dos carros.

Nesta porta também havia um grande arco, conta-nos Amílcar Guerra, que de-

pois foi transposto para Castelo de Vide, onde permaneceu até 1891, altura em que o destruíram para alargar a entrada onde se situava. Hoje, já nem as pedras restam. Quando nos posicionamos em frente à porta sul, entre as duas torres, podemos, no entanto, imaginá-lo, já depois de termos visto a fotografia dele em Castelo de Vide. Aqui conseguimos ainda projetar o eixo Norte-Sul, que corresponde à rua *Cardus Maximus* que atravessa toda a cidade, passa ao lado do fórum e termina na porta norte. Mas para lá caminharemos. Antes disso, vamos ainda visitar a zona termal.

O território onde estamos foi sempre uma zona de muita água. Ainda hoje a localidade de Olhos de Água gera uma enorme quantidade de água. E o Olharão, que fica ali bem perto, é uma enorme fonte de água. Só estas duas nascentes eram razão para se criar uma cidade. E esta não devia ser a única. Na zona a montante, existe também a ribeira de Alvarrões. Passava ali a represa que os romanos teriam feito para abastecer a cidade. Não há cidade romana que não tenha muita água. Pensar num lugar para viver implicava pensar nisto em primeiro lugar. Tinham de saber onde estava a água e como a iriam buscar.

Amílcar Guerra vai dando conta desta importância da água para os romanos enquanto nos guia até às termas. «O que temos aqui de característico? Aquilo que nos diz que estamos perante uma zona termal?», pergunta-nos, assim que chegamos ao primeiro tanque. E logo responde apontando para as lajes de mármore todas alinhadas e assentes numa argamassa feita de pedaços de telha, o que lhe dá uma tonalidade avermelhada, e conhecida entre

Não há cidade romana que não tenha muita água. Pensar num lugar para viver implicava pensar nisto em primeiro lugar. O local escolhido para fundar Ammaia comprova-o.

os arqueólogos portugueses como *opus signinum*, normalmente um material isolante. Usa-se nas termas para revestir as paredes dos tanques, permitindo-lhes funcionar como recetáculos de água.

Por cima de grande parte das termas passa agora a estrada nacional 359. Temos de atravessá-la para chegar ao fórum. Este era o espaço público por excelência. Aqui estavam a praça central com vários pedestais de estátua, a basílica, várias lojas e o templo erguido sobre uma plataforma. A basílica era um espaço retangular amplo com duas fiadas de colunas onde se reunia a assembleia da cidade, a assembleia dos decuriões.

Outra componente do fórum é o pórtico, toda a colonata que rodeia o espaço público. Passamos por cima dele, quase soterrado por completo, e chegamos ao templo, já não pela escadaria, como os habitantes de Ammaia, mas subindo a ruína agora coberta por terra e relva. O templo estava separado em duas alas distintas: um espaço aberto e um outro fechado de acesso reservado – a cela – onde estavam as estátuas das divindades. Tinha quatro colunas na parte frontal, era mais modesto que outros templos romanos com seis ou oito colunas, mas na mesma elevado sobre um pódio. Só assim os romanos conseguiam estar mais perto dos deuses. Mercúrio e Júpiter estavam aqui bem representados como divindades protetoras da cidade.

Descemos do templo e continuamos a percorrer a praça, desta vez até ao que resta do pórtico que a delimita. Ainda consegui-

mos ver algumas colunas e o muro, onde assentava o telhado. Quando os arqueólogos escavaram esta zona, encontraram as pedras de um arco na zona coberta e logo ficaram perplexos com a descoberta: «De onde vinham estes elementos de um arco, se aqui não havia arco? Como é que caíram aqui?» Amílcar Guerra conta-nos que pensaram que aqueles elementos deveriam pertencer ao arco da entrada do Fórum, próximo do local onde os tinham encontrado, mas não percebiam a razão de terem caído naquela zona. As ruas deviam ter sempre duas colonatas, uma de cada lado, com a passagem ao centro. Normalmente as pessoas circulavam debaixo da colonata, mais protegidas da chuva, no inverno, e do calor, no verão, e o centro servia para a passagem dos carros. Colocaram então a hipótese de os romanos os terem deslocado da zona onde tinham caído, onde passavam os carros, para um local que não perturbasse ou impedisse a circulação. Perceberam que o modo como essas pedras estavam caídas, pela sua direção e inclinação incongruentes, não se devia a uma queda normal, exceto se tivesse sido provocada por um terramoto. Hoje já estão seguros de que a hipótese é correta e que o facto de os romanos os terem puxado para fora do sítio de passagem tinha sido a razão pela qual tinham aparecido noutra local próximo, fora da zona de circulação.

Agora os elementos do arco estão numa nova zona – são nove – e foram alinhados na relva pelos arqueólogos. Cada elemento

tem um pequeno relevo, a chamada almofada rústica, que tão bem caracteriza os arcos romanos. E ainda uns furinhos que servem para implantar um aparelho romano em forma de tesoura curva, o fórceps, que quanto mais peso carrega em cima do seu gancho mais aperta. As pedras prendiam-se por esses furinhos, enganchando de um lado e do outro.

Ainda dentro do fórum existiam as *tabernae*, lojas para os negócios típicos forenses que incluíam ferragens, couros, cerâmica, vidro, entre tantos outros produtos e serviços, excluindo os alimentos. Estes últimos, a carne e os vegetais, não eram comercializados no fórum, mas no *marquelo*. Já fora da zona forense, existiam outras construções, em princípio de natureza privada, habitações ou outras lojas.

Enquanto continuamos a percorrer a cidade, Amílcar Guerra explica-nos que algumas das estruturas arqueológicas visíveis correspondem ao que se pensa ser a última fase da sua ocupação. Enquanto nas primeiras fases temos uma ocupação bem caracterizada, durante os séculos I e II d. C., e eventualmente o século III d. C., as ocupações tardias vão assentar numa espécie de cidade refeita, possivelmente desde o século VI d. C. até à Idade Média, mas não existe uma datação precisa. A cidade já estava muito empobrecida nesta altura e com poucos habitantes. Pensa-se que só determinadas áreas é que foram ocupadas, numa cidade em fase adiantada de abandono.

Atingimos a periferia da cidade, ou aquilo que se pensava ser o final do seu

Encontrado apenas no ano passado, em 2019, o anfiteatro de Ammaia é a mais recente descoberta dos arqueólogos.

«Trabalhamos como detetives. Precisamos de estar atentos a todos os sinais para podermos interpretar a realidade histórica.»



Cantil em cerâmica (*terra sigillata hispânica*)



Na cidade romana de Ammaia foi recolhido um dos maiores conjuntos de vidros de época romana em Portugal

perímetro até há bem pouco tempo. Estamos a dirigir-nos ao anfiteatro. Encontrado apenas no ano passado, em 2019, este espaço público da cidade de Ammaia é a mais recente descoberta dos arqueólogos, um trabalho que resulta da habitual colaboração entre a Fundação Cidade de Ammaia, a Universidade de Lisboa, a Fundación de Estudios Romanos, Fundação La Caixa, do Banco BPI, e o Museo Nacional de Arte Romano, em Mérida. Através de uma prospeção geofísica prévia, que não tinha sido feita pelos arqueólogos antecessores, descobriu-se a existência de uma estrutura circular. Por entre o atual campo de oliveiras, vemos a larga entrada do anfiteatro que logo reconhecemos pelo seu muro arredondado, descrevendo um grande círculo. Amílcar Guerra confessa que já tinham pensado que ali poderia estar só pela configuração do terreno. O espaço é bastante amplo e está circunscrito por uma ravina, local ideal para as bancadas. As condições da fisionomia do terreno eram por isso bastante propícias, uma bacia com uma encosta semicircular que poderia ser aproveitada

para este tipo de estrutura arquitetónica. Observando o terreno com esses olhos, parece-nos óbvia a opção. Este era um lugar de espetáculos, normalmente de gladiadores, de combates com feras, de simulações de caçadas, e de lutas diversas.

Apesar de tudo, este é um anfiteatro modesto, comparado com o Coliseu de Roma ou mesmo com o anfiteatro de Mérida, uma vez que estes últimos têm estruturas construídas em seu redor muito mais sólidas do que as de Ammaia. Este anfiteatro não teria a complexidade das galerias e suas passagens típicas de outros anfiteatros romanos, e as suas bancadas não deveriam sequer ser de pedra, mas de madeira. Se tiverem sorte, os arqueólogos conseguirão ainda identificar os locais onde se encontravam as estruturas que suportavam as bancadas. Há muito por fazer e este é um trabalho que ainda está no início, em constante desenvolvimento e exploração. Como comenta Amílcar Guerra: «Nós trabalhamos sempre como detetives, detetives de algo que já aconteceu há muito tempo. Precisamos agora de estar sempre atentos a

todos os sinais para podermos interpretar a realidade histórica.»

Ammaia tem ainda um laboratório de restauro por onde passam todas as peças que necessitam de uma intervenção. Os objetos encontrados e as ruínas em si necessitam, em primeiro lugar, de uma proteção, dado que a partir do momento em que ficam expostos, em que são retirados de debaixo da terra, entram num processo de degradação mais acentuado. Há sempre, por isso, de ponderar o que fazer para tornar os objetos e os sítios arqueológicos duráveis. Compete aos arqueólogos pensar qual a melhor forma de preservar, e de apresentar, as estruturas arqueológicas. Há também uma preocupação com o retorno social. Quase tudo o que é feito em Ammaia é apoiado por fundos públicos, e existe a obrigação de dar um retorno social a toda a comunidade. «O nosso objetivo aqui em Ammaia, e enquanto arqueólogos», salienta Amílcar Guerra, «é fazer história, escrever a história do lugar, construir um discurso histórico fundamentado e coerente.» Um discurso que deve satisfazer tanto o cientista como o cidadão comum. ●